

PROPOSTA METODOLÓGICA DE ENSINO DA FLAUTA DOCE NO FUNDAMENTAL I COM ELABORAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO

METHODOLOGICAL PROPOSAL FOR TEACHING RECORDER IN PRIMARY SCHOOL WITH THE DEVELOPMENT OF TEACHING MATERIAL

Marcelo de Almeida¹

Secretaria Municipal de Educação de Senador Canedo/Goiás

marcelogna@yahoo.com

<https://orcid.org/0000-0002-3470-8344>

Eliton Perpetuo Rosa Pereira²

Instituto Federal de Goiás

<https://orcid.org/0000-0002-9181-2543>

Cristiano Aparecido da Costa³

Instituto Federal de Goiás

cristiano.costa@ifg.edu.br

<https://orcid.org/0000-0001-5613-708X>

Ronan Gil de Moraes⁴

Instituto Federal de Goiás

ronan.morais@ifg.edu.br

<https://orcid.org/0000-0001-7492-3818>

Submetido em 19/06/2024

Aprovado em 11/02/2025

Resumo

Partindo da constatação de que a música em sala de aula deve receber maior atenção dentro da disciplina Arte, propomos a metodologia de ensino coletivo de flauta doce, buscando mostrar a importância desta na musicalização de crianças do ensino fundamental I. O estudo foi desenvolvido a partir de uma revisão sobre o histórico do ensino da flauta doce no Brasil e de seus aspectos pedagógicos inerentes. Além disso, foram incluídas uma pesquisa narrativa autobiográfica e a elaboração de um produto educacional que visa auxiliar docentes na musicalização dos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental I. A proposta faz do uso da flauta doce como uma alternativa viável para a inclusão de um instrumento musical na rede pública escolar. Nesse contexto, o instrumento utilizado mostra-se um recurso a ser adequado, não o único, mas importante na musicalização do ensino fundamental. Sendo um instrumento de baixo custo e de fácil aprendizado, a flauta doce é muito utilizada nos anos iniciais. Tendo em conta uma abordagem cultural que considera as músicas das diferentes regiões brasileiras, o produto educacional elaborado consiste em uma sequência didática que visa auxiliar os educadores musicais na utilização da flauta doce no ensino fundamental.

Palavras-chave: Flauta doce, Musicalização, Ensino Coletivo, Produto educacional.

Abstract

Based on the realization that music in the classroom should receive greater attention within the Art subject, we propose the methodology of collective teaching of the recorder, seeking to show its importance in the musicalization of primary school children. The study was based on a review of the history of recorder teaching in Brazil and its inherent pedagogical aspects. It also included autobiographical narrative research and the development of an educational product aimed at helping teachers in the musicalization of students in the 5th year of primary school. The proposal uses the recorder as a viable alternative for including a musical instrument in the public school system. In this context, the instrument used proves to be an appropriate resource, not the only one, but an important one in the musicalization of primary education. As a low-cost and easy-to-learn instrument, the recorder is widely used in the early years. Taking into account a cultural approach that considers the music of the different Brazilian regions, the educational product developed consists of a didactic sequence that aims to help music educators use the recorder in primary school.

Keywords: Flute, Musicalization, Collective Teaching, Educational Product.

¹ Doutor em Educação pela Universidade de Santiago de Compostela (Espanha). Mestre em Música (UFG). Especialista em Tecnologias em Educação (PUC-RJ). Licenciado em Pedagogia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci e em Música pela UFG. É docente no Instituto Federal de Goiás, atuando na Licenciatura em Música e no Mestrado Prof-Artes.

² Pós-doutor e Doutor em Educação (UFG). Mestre em Música/Educação Musical (UFG). Especialista em Música Brasileira (UFG) e Docência Universitária (Fago). Possui graduação em Educação Artística/habilitação em Música (UFG). Docente e orientador no programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Artes (Prof-Artes) do IFG.

³ É percussionista, pesquisador e professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG). É doutor pela Universidade da Basiléia (Suíça) e Fachhochschule für Musik FHNW pelo programa de Musicologia

Introdução

Esta investigação objetivou a elaboração de um material pedagógico que visa auxiliar os profissionais da área da educação musical que atuam em escolas de educação básica, partindo de uma experiência adquirida no município de Senador Canedo – Goiás, onde o pesquisador ministra a disciplina música no Ensino Fundamental I. Neste município este tema tem se configurado na escola como uma disciplina, com aula específica na parte direcionada ao componente curricular Arte. Como produto advindo deste estudo, deu-se a criação de uma sequência didática para a aplicação pedagógica por parte do professor de música, objetivando também o desenvolvimento do aprendizado do estudante no instrumento musical flauta doce.

Assim, compreende-se que a musicalização é importante como processo educativo integral e usar a flauta doce como um meio para isso traz aos alunos a possibilidade de aprender um instrumento musical, os elementos inerentes à música e todo um arcabouço cultural intrinsecamente relacionado. Sob essa ótica, Viviane Beineke (1997) analisou diversos materiais de ensino da flauta doce, e aponta que é problemático o ensino do instrumento musical sem se preocupar com a alfabetização musical, indicando a necessidade de uma observação e a adaptação por parte do professor.

Desse modo, a proposta de utilização da flauta doce é uma alternativa para a inclusão do ensino de um instrumento musical em sala de aula. O teórico professor da Universidade de Londres, da área da educação musical, Keith Swanwick (2002) orienta os professores desde uma exploração teórica do conhecimento musical, passando por um exame das formas de compreender a experiência musical, até uma seção final ligada a uma prática musical direta. Ele sugere que a música seja tratada não como um monólogo, mas como um diálogo do qual professores e alunos participam. Nesse diálogo, acontece o intercâmbio de ideias, argumentação e expressão, sendo importante que seja respeitada a participação de cada um, bem como a diversidade. Mas de qual diversidade estamos falando?

Trabalhar em sala de aula significa dividir o espaço com um grupo provavelmente numeroso e heterogêneo, no qual teremos estudantes com diversos níveis de conhecimento musical. A diversidade é algo evidente nestes ambientes: um quer tocar percussão, outro a flauta, um gosta de

(Kooperationsprojekt Musikwissen). É mestre em Composição e Interpretação musical pela Universidade de Strasbourg (França) e cursou a Especialização em teclados de percussão no Conservatoire de Strasbourg (França). Possui Bacharelado em Percussão pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp).

cantar, a outra quer somente ouvir a música ou compor. Nesse ínterim, essa diversidade precisa ser respeitada e trabalhada; a procura pela homogeneidade não deve ser almejada, precisa-se acreditar no potencial dessa diversidade. Zabala (1996), especialista da área de didática, cita que os alunos também devem participar dessa construção se pretendemos formá-los com consciência da diversidade, da solidariedade e do apoio à diferença.

Pensando em diversidade cultural, a localização em que a pesquisa se desenvolve serve de parâmetro para o uso de músicas das cinco regiões brasileiras, sendo essa uma das maneiras de se mostrar a cada estudante riqueza cultural do Estado. Nesse sentido, é importante trabalhar regionalismo e disponibilizar também um pouco da biografia do autor da música escolhida e a história da música, entre outros expoentes musicais da região.

A força da música e a enorme variedade de músicas desenvolvidas ao longo da história, em diferentes países e culturas, tornam necessário que o professor não apenas auxilie os alunos a desenvolverem tolerância a idiomas musicais específicos, mas a habilidade de aproximar-se ativamente de uma série de estilos e contextos musicais. Essa flexibilidade sobre idiomas e culturas é mais bem auxiliada através da execução de uma variedade de papéis em relação à música. (...) As pessoas precisam ter múltiplas oportunidades de encontro com a música, sob diversos ângulos, de forma a ficarem cientes das suas riquezas e possibilidades (Swanwick, 1979, p. 42).

Desse modo, aprende-se música fazendo música, falando sobre música, analisando, refletindo, mas a vivência musical precisa se fazer presente. É necessário que os professores se tornem estudantes, que sejam ao mesmo tempo pesquisadores e aprendizes.

Diante disso, será abordado a seguir o desenvolvimento da educação musical no contexto da educação básica no Brasil, algumas considerações importantes sobre o ensino de música na atualidade, questões relacionadas à flauta doce como instrumento de musicalização incluindo uma revisão de trabalhos acadêmicos que abordam o tema e, posteriormente, um breve relato sobre o desenvolvimento da sequência didática materializada em um *e-book*.

O ENSINO DA FLAUTA DOCE NO BRASIL

O ensino da flauta doce no Brasil, segundo relatos históricos, se iniciou com a chegada dos jesuítas no ano de 1549 para que se pudesse fazer da música um instrumento de aproximação e catequização em terras brasileiras (Holler, 2006). A opção pelo uso da música, nesse caso a flauta doce incluída, certamente foi uma estratégia dos missionários, ministrada às crianças indígenas como complemento à catequese e preparação para a prática musical da liturgia. Outro relato do início da utilização da flauta doce no ensino, vem de Manoel da Nóbrega em 1553, que conta que

no Colégio de São Vicente os meninos “aprendem a ler e escrever e vão muito bem, outros a cantar e tocar flautas” (Holler, 2006, p.6). Entretanto, após o período colonial houve um grande intervalo sem registros do ensino desse instrumento, que perdurou até os anos 1930 (Augustin, 1999).

Vale ressaltar que a chegada no Brasil do músico alemão Hans-Joachim Koellreutter, em novembro de 1937, fomentou a produção musical nessas terras através de cursos, criação de escolas e de publicações que dinamizaram a vida musical. Além disso, Koellreutter iniciou sua carreira de concertista no Brasil, dedicando-se intensamente ao repertório barroco para flauta (Augustin, 1999).

Outrossim, tomando como referência o trabalho de Barros (2010), é possível destacar o uso da flauta doce em alguns estados. Nesse sentido, o pastor Karl Frank foi uma das referências para o ensino de música no Paraná. Sua chegada, em 1910, trouxe grandes mudanças ao cenário musical paranaense graças à sua atuação como divulgador musical, e suas filhas o acompanhavam. Uma delas, Esther Graf, foi uma das principais responsáveis pelo ensino de flauta doce no Paraná a partir da década de 1950. Outra filha, Ruth Jansen, radicou-se em Niterói (RJ), onde desenvolveu uma prática especial de ensino de flauta doce (Barros, 2010).

Já em Pernambuco, a Escola Santa Maria de Timbaúba, instituição de cunho religioso que era presidida por freiras alemãs, tinha iniciativas educacionais com flauta doce (Lira, 1984). Uma dessas freiras, Helm Freda, utilizava o instrumento em suas aulas de iniciação musical e prática de conjunto com as alunas.

Ainda sob a perspectiva histórica nacional, na década de 1950, a alemã Isolde Frank chegou ao estado do Rio Grande do Sul. Ela havia sido convidada para ensinar flauta doce aos integrantes do Madrigal na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – sendo o Madrigal um pequeno coral especializado em cantar e se apresentar – um dos objetivos era o de incorporar o instrumento ao repertório do grupo. Antes de chegar ao Brasil, Isolde Frank já havia se especializado em flauta doce na Escola de Música de Stuttgart, além disso, foi professora de flauta doce na UFRGS, onde iniciou o Quarteto de Flautas de Porto Alegre e publicou dois métodos de ensino de flauta doce: *Pedrinho Toca Flauta* – em dois volumes (Frank, 2008), adequados para crianças de 6 a 9 anos, com diversas músicas.

Quanto à região Sudeste, o alemão Ernst Mahle, além de grande compositor e professor de vários instrumentos, também foi professor de flauta doce. Tendo aprendido esse instrumento na Alemanha entre 1937 e 1939. Mahle foi um dos fundadores da Escola de Música de Piracicaba em 1953, em

São Paulo (Barros, 2005)⁴. Em poucos anos a escola de música de Piracicaba já possuía dois quartetos deste instrumento que interpretavam repertório renascentista. Ernst casou-se com uma aluna da própria escola de música de Piracicaba, Professora Cidinha Mahle que, posteriormente, publicaria o método *Primeiro Caderno de Flauta Block* (Mahle, 1959). O estudo da *flauta block* é muito generalizado nos países europeus, sendo que, em alguns lugares, a criança aprende a tocar esse instrumento na própria escola primária. Porém no Brasil, a *flauta block* é ainda pouco divulgada (Mahle, 1959).

Assim, embora popular no Brasil, a flauta doce ainda é vista basicamente como um instrumento de iniciação musical, sobretudo nas escolas de ensino fundamental. Isso ocorre, em parte, “porque esse instrumento se disseminou no Brasil principalmente pelo viés pedagógico” (Aguilar, 2017, p. 14).

A FLAUTA DOCE COMO INSTRUMENTO MUSICALIZADOR

A flauta doce foi um instrumento muito utilizado na antiguidade, passando por transformações em sua estrutura durante séculos. No Brasil, a partir do Século XX, ela ganhou destaque, passando a ser utilizada como instrumento musicalizador. Cuervo (2009) aponta os seguintes motivos para isso ter acontecido: a) fácil iniciação técnica de execução e memorização; b) baixo custo, sendo acessível financeiramente⁵; c) é versátil, podendo ser utilizada com outros instrumentos musicais em sala de aula na construção de arranjos; d) é uma porta de acesso a diferentes culturas, períodos e gêneros musicais; e) concentra um vasto repertório de valor artístico.

Por essas características, Cuervo (2009) afirma que a flauta doce tem a capacidade de proporcionar um processo de aquisição de habilidades que são inicialmente mais acessíveis, com a vantagem de ser utilizada em práticas de conjunto e com boa apreciação musical de alunos/as em qualquer nível de aprendizado musical. Além disso, Cuervo e Pedrini (2010, p. 53) afirmam que “utilizar a flauta doce como uma das possibilidades no ensino de música é abrir caminho de exploração e criação, quebrar pré-conceitos, valorizar as preferências musicais dos alunos, sem deixar de ampliá-las”.

⁴ Barros (2005, p. 26) explica que Mahle adotara a abordagem educacional de Koellreutter, que decorria de uma concepção de ensino cujo “objetivo não se restringia à formação de músicos”. Assim, o principal objetivo da Escola de Música de Piracicaba foi de “contribuir para um desenvolvimento mais completo da personalidade do aluno.”

⁵ Acredita-se que o autor está mencionando os modelos industrializados do instrumento.

Assim, no ensino da flauta doce é desejável que o estudante aprenda um pouco de teoria musical, pois isso facilitará seu desenvolvimento. Questões levantadas por Weiland (2009) apontam para a facilidade com que este instrumento pode contemplar os componentes curriculares da linguagem musical. Nesse sentido, Weiland (2009, p. 51) menciona o “desenvolvimento musical do aluno, incluindo diversas formas de interação com a música, integrando as atividades de composição, execução e apreciação, apoiadas na técnica e literatura musicais”, mas que não se limita ao domínio de habilidades específicas da música e à exploração técnica da execução da flauta doce.

Contudo, os alunos devem aprender a tocar o instrumento de forma dinâmica a partir de diversas maneiras de formular o fazer musical que, pode ser ouvindo, lendo, escrevendo, compondo, criando, interpretando partituras convencionais e não convencionais, e, obviamente, tocando individual e coletivamente, dividindo com outros alunos e instrumentos, exercendo a prática instrumental. Dessa maneira, quando as aulas e atividades se desenvolvem em grupo podem acontecer diversos estímulos, compreendendo-se os princípios do ensino coletivo, que é uma forma antiga de ensinar música, mas que foi pouco utilizada até a segunda metade do século XX, quando recebeu mais importância nas escolas de música (Tourinho, 2003).

Diante de tais estudos, nota-se que ao aprenderem coletivamente, os alunos desenvolvem outras referências musicais além do professor e, segundo Tourinho (2007), o ensino coletivo deve ser uma prática exercida rotineiramente, pois o aprendizado acontece por meio da observação e interação com outras pessoas do mesmo modo que se aprende a falar, a andar e a comer, por exemplo. Nesse sentido, “desenvolvem-se hábitos e comportamentos que são influenciados pelo entorno social, modelos, ídolos” (Tourinho, 2007, p. 2).

Sobre o ensino coletivo, Barbosa (1996, p. 40) faz a seguinte colocação: “o aluno desenvolve a leitura musical, o domínio instrumental, a capacidade auditiva, as habilidades mentais e o entendimento musical”. Assim, a importância do ensino coletivo ganha mais força quando aplicado em sala de aula, em que o entusiasmo gerado pode fazer com que um aluno com problemas de interação social venha a se sentir parte do grupo, provocando, também, uma competição saudável e desenvolvendo a capacidade de interagir com todos os envolvidos. Esses benefícios do ensino coletivo são evidentes no caso, provando que a flauta doce soprano pode ser facilmente utilizada em grupo por ser um instrumento que possibilita o trabalho com diferentes timbres, abrindo espaço para outras flautas e podendo ainda formar o quarteto com contraltos, tenores e baixos.

Logo, a flauta doce talvez seja o instrumento de iniciação musical mais adequado em se tratando de prática instrumental, pois pode-se trabalhar melodia, ritmo, leitura musical, criatividade, formação de grupos, motricidade fina etc. Sob este viés, segundo Marques:

A flauta doce é um instrumento que tem uma vocação natural para a musicalização. Seu som é suave e de fácil emissão. A digitação segue uma lógica simples e natural, proporcionando resultado consistente num curto período além de ser um instrumento de baixo custo, acessível a grande parte da população. (Marques, 2017, p. 2)

Sob tal prisma, cabe ao professor enumerar quais experiências poderão ser exploradas visando que o aluno tenha um desenvolvimento progressivo no aprendizado da flauta doce. Contudo, remete-se mais uma vez à questão da preparação do docente quanto a como identificar esses fatores e estabelecer um canal de transmissão de um novo conhecimento para esse aluno. Em relação a essa forma de interagir com os discentes, Marques (2017, p. 03) destaca que:

A aula de Música já traz em seu nome um anseio grande perante o que os alunos terão diante dessa disciplina, gerando uma expectativa de como será a aula, se o professor é legal, se terão brincadeiras, se aprenderão a ler música, a escrever. Sempre vem à tona as dúvidas: o conteúdo planejado para a aula vai dar certo? Será que os alunos estão realmente interessados na aula? Eles estão conseguindo aprender o conteúdo planejado? Estas dúvidas sempre nos norteiam, principalmente quando o educador tem consciência de sua função como professor, tem responsabilidade com o conteúdo a ser ministrado, com o processo de ensino/aprendizagem.

Essa afirmação de Marques corrobora a visão de Snyders (1994 apud Smole, 2000, p. 145), que explica esse anseio pelo fato de a música possibilitar ao aluno a experiência de um novo universo de conhecimento em que “[...] o desenvolver um sentido musical é ter uma oportunidade fascinante de comunicar-se com o mundo de modo qualitativamente diferente”. Comunicar-se com o ambiente externo é fundamental para o desenvolvimento do aluno em relação à exploração musical sendo que a percepção dos sons demonstra sua aptidão e seu nível de aprendizado, pois o elemento musical não se resume a uma forma individual, ele vem de experiências vivenciadas com diversos outros elementos e com a convivência em grupo. Marques (2017) ressalta assim o papel da educação musical no desenvolvimento do aluno:

A educação musical visa mais desenvolver integralmente o educando do que, necessariamente, ensinar um instrumento musical. Para uma educação musical melhor, fundamentada e elaborada, surgiram no cenário pedagógico musical vários músicos e educadores que, através de práticas pedagógicas inovadoras, lançam as bases de toda a educação musical moderna. Um deles é Shinichi Suzuki, que,

PROPOSTA METODOLÓGICA DE ENSINO DA FLAUTA DOCE NO FUNDAMENTAL I COM ELABORAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO

inspirado na observação da maneira como as crianças aprendem a falar a língua materna, fez desta observação uma adaptação para o ensino da música e criou um revolucionário método de ensino que é o Método Suzuki. (Marques, 2017, p. 3).

Analisando tal comentário, a metodologia Suzuki fundamenta-se na observação e imitação, sendo que o ensino da flauta doce pode ser facilmente adaptado a esse método, mas não descartando o estudo formal. Já em relação ao estudo informal, esse compreenderá o entendimento sobre a composição da flauta, ou seja, seus orifícios, o bocal, a maneira como a flauta deve ser segurada, a postura, os cuidados com ela e como utilizar o sopro corretamente. “A despeito do rigor dos princípios, o método Suzuki está baseado, paradoxalmente, na aprendizagem informal da língua mãe” (Fonterrada, 2008, p. 156). Destacando elementos pedagógicos, Marques (2017, p. 4) assevera que:

A prática da flauta doce deve causar prazer, para o bom aprendizado do estudante. O ambiente ideal para isso inclui amor, bons exemplos, elogios e um determinado tempo de estudo, de acordo com o desenvolvimento do aluno. Ou seja, o ambiente musical adequado, conduzido por mestres experientes, levará o aluno a dominar o instrumento e adquirir grande habilidade para a música com a mesma facilidade com que domina a língua materna.

Ademais, as aulas de flauta doce, assim como de outros instrumentos, seguem um cronograma de forma gradativa, caracterizando a evolução do aprendizado. Alguns métodos sugerem, antes de cada aula, uma recapitulação do conteúdo anterior e, ao evoluir, passa-se a um novo desafio, que pode ser outra música ou outro estilo musical. O ensino da música torna-se mais interessante com aulas em grupo, ganhando uma dimensão social em que as relações interpessoais são estimuladas de modo que se aprenderá tanto com o/a professor/a quanto com os/as outros/as alunos/as em sala de aula. Nesse viés, vale ressaltar as palavras de Marques (2017, p. 5):

A afetividade que o método propõe entre professor e aluno e entre aluno e aluno ajuda tanto no aprendizado, quanto no incentivo. O encaminhamento metodológico deu-se por meio de diferentes recursos tais como: copos para músicas com exercícios rítmicos, por exemplo, vela para trabalhar o controle de ar, alguns exercícios de imitação utilizando o corpo dentro de um repertório sugerido, utilizar partes do instrumento como recurso percussivo, entre outros.

Em suma, a abordagem de Swanwick mostra que as atividades musicais podem ser estruturadas em quatro ações, as quais são: apreciação, percepção, execução e criação musical.

Swanwick (2014) também valoriza a importância da interação social da música, ao afirmar que a aprendizagem musical ocorre solfejando, praticando e escutando. Sob essa perspectiva, os aprendizados da música, assim como o da flauta doce, contribuem socialmente e intelectualmente para a ampliação do conhecimento dos/as alunos/as, obtendo-se resultados mais expressivos em todas as áreas pedagógicas.

Por isso, uma proposta de trabalho em grupo baseia-se, também, na interação entre os/as alunos/as, proporcionando troca de experiências e a evolução do grupo. O ensino coletivo apresenta características próprias por possuir uma dinâmica diferente, além de fazer com que os/as alunos/as aprendam juntos, e em alguns casos, sem a referência somente de um/a professor/a, segundo Tourinho (2007) e Barbosa (1996). Essa dinâmica de grupo é observada em diversas propostas pedagógicas de ensino da educação musical. Nesse sentido, a flauta doce é um instrumento acessível, podendo ser utilizada de forma integrada com outros tipos de atividades pedagógico- musicais, assim resultando em um repertório musical mais ampliado em que os/as alunos/as não precisarão abandonar o repertório já conhecido, promovendo inclusive descobertas acerca de outros gêneros musicais, conforme Cuervo (2009).

Atualmente, evidencia-se a presença da flauta doce no meio educacional, podendo-se atribuir esse fato ao efeito do acentuado interesse pela música antiga atribuído a este instrumento, assim como também à sua edificação específica, permitindo uma emissão sonora de imediato. Nesse ponto, Paoliello (2007, p. 28) ressalta que:

[...] Mesmo antes de se aprender sua técnica ou entender o uso do diafragma para a produção de um sopro de qualidade, é possível fazer soar, de alguma forma, a flauta doce. Outros instrumentos de sopro, como a flauta transversal, não possuem esta facilidade inicial.

Considerando essas características, e ainda o fato de a flauta doce contribuir para o avanço da prática instrumental e vocal na educação musical, o flautista Edgar Hunt introduziu a flauta doce na Grã-Bretanha na escola dos anos 1930. Logo, este educador explica que: “[...] tocar flauta doce treina os ouvidos, olhos e dedos. Ouvidos para checar afinação, olhos para ler música, e dedos prontos para dominar qualquer dedilhado. E também treina as crianças para o início da prática de conjunto” (Hunt, 2002, p. 135).

Em consonância com esta iniciativa, os educadores acima mencionados divulgaram o instrumento e seu repertório através de conceitos de ensino que visavam despertar o interesse dos alunos pela flauta, até então pouco conhecida nos meios musicais e nas escolas. Ao lado dessas

medidas, Hunt escreveu os métodos *The Practical Method for the Recorder* (1935), destinado a grupos amadores, e *The Concise Tutor for use in Schools* (1935), uma coleção de peças fáceis para o uso em flauta soprano e contralto, o que extinguiu uma lacuna em relação a métodos e repertório para aquelas pessoas iniciantes (Hunt, 2002).

Desse modo, ao introduzir a flauta doce nas escolas, Edgar Hunt teve a preocupação com a qualidade do ensino a ser ministrado. Para isso, ofertou diversos cursos intensivos para professores(as), até quando a Associação Inglesa de Flautistas Doces, criada em 1937, iniciou a organização dessas palestras, o que ocorreu em 1948 com encontros de verão destinados para o ensino desse instrumento. Durante os encontros, Hunt reforçava que a flauta doce merecia ser tratada com a intenção de se fazer música e não para ser percebida apenas como uma ferramenta educacional Hunt (2002). Atualmente, outra questão que diferencia o trabalho com a flauta doce na escola é que a aula de música é o centro da proposta, um conceito mais amplo que o de “aula de flauta”. Isto é, a flauta doce é um dos recursos a ser utilizado no fazer musical, não o único (Beineke, 2003, p. 86).

O instrumento aqui abordado é muito utilizado no sistema escolar Europeu e recomendado por educadores musicais, a exemplo de Carl Orff, que o divulgou como sendo um instrumento de sopro próprio para a improvisação, como também para a prática de conjunto e, ainda, que as crianças ficam encantadas por esse instrumental. Para os iniciantes, destacou que é muito acessível, tendo em vista a promoção de um desenvolvimento técnico e musical.

Quanto aos motivos de introdução da flauta doce na sala de aula de educação musical hoje em dia, eles permanecem inalterados em relação aos ideais de Hunter (2002), porém, é perceptível que o leque de possibilidades vai além disso, inclusive considerando propostas para se estabelecer uma formação mais ampla, conforme destaca Paoliello:

[...] proporcionar uma experiência com um instrumento melódico, contato com a leitura musical, estimular a criatividade – com atividades de criação – além de auxiliar o desenvolvimento psicomotor das crianças e trabalhar a lateralidade (com o uso da mão esquerda e da mão direita). Possibilita ainda a criação de conjuntos, ajudando a despertar e desenvolver a musicalidade infantil e o gosto pela música, melhorando a capacidade de memorização e atenção e exercitando o físico, o racional e o emocional das crianças. (Paoliello, 2007, p. 32).

Dessa forma, é possível observar como a utilização de um instrumento musical, no caso a flauta doce, muda a perspectiva em sala, motivando e levando os alunos a uma busca diária pelo aprendizado e pela arte.

METODOLOGIA

Para desenvolver o estudo aqui apresentado, a metodologia utilizada envolveu a pesquisa teórica sobre o ensino de música no Brasil e o ensino da flauta doce, bem como uma pesquisa narrativa autobiográfica e o desenvolvimento de um produto educacional. Nesse último aspecto “O pensar em si, falar de si e escrever sobre si emergem em um contexto intelectual de valorização da subjetividade e das experiências provadas” (Souza, 2007, p. 68). Neste sentido, optou-se pelo uso da pesquisa narrativa autobiográfica, como método capaz de alcançar e sistematizar de maneira escrita as relevantes subjetividades vivas ainda no “campo da memória”.

Segundo Bolívar (2014), nos últimos 30 anos, a pesquisa narrativa assumiu uma grande variedade de utilizações e definições, podendo sobrepor-se a outras formas de pesquisa qualitativa. O autor defende que há uma complexidade inerente que torna as suas fronteiras ambíguas, mas que também a faz se constituir em uma rica fonte para o desenvolvimento de investigações no campo das ciências sociais. Assim, a investigação narrativa desponta como uma poderosa ferramenta, importante para entrar no contexto das identidades, dos significados e dos conhecimentos práticos presentes no cotidiano, envolvendo os processos de inter-relação, identificação e reconstrução pessoal e cultural.

Segundo o que defendem Silva e Rios (2018), o ponto de partida de uma pesquisa narrativa (auto)biográfica é sempre a vida do sujeito, que passa a ser narrada e vivenciada em uma outra dimensão temporal, que não aquela em que originalmente os fatos ocorreram. É tomada pela dimensão dos processos formativos e indicações sobre a realidade social que devem ser buscadas inicialmente na pesquisa, isto é, na fusão da sua subjetividade com a estrutura social, os resultados de uma análise bem fundamentada.

Bolívar (2014) vai explicar a relação entre a pesquisa narrativa e o relato de experiência, mas identificando aquela como uma metodologia bem assentada, que segue determinados procedimentos, onde um relato de vida é uma porta por meio da qual uma pessoa entra em um mundo onde é possível interpretar e construir significados.

Desse modo, visando essa construção de significados, a presente pesquisa foi desenvolvida por meio de uma abordagem qualitativa. O estudo abordou assim, mediante a experiência do pesquisador, os conceitos de alfabetização e iniciação musical, ensino coletivo de instrumentos musicais, acessibilidade da flauta doce para a formação musical, bem como métodos e procedimentos de aprendizado, com a intenção de moldar um referencial teórico que seja relevante. A pesquisa considera a experiência do pesquisador junto ao contexto das escolas

públicas de ensino básico – principalmente na Escola Municipal Abdon Ferreira de Carvalho (AFdC) em Senador Canedo, Goiás. A metodologia utilizada foi a pesquisa (auto)biográfica que incluiu além de um relato de experiência desenvolvida no contexto do ensino de música na educação básica, podendo ser entendida como estratégia de investigação qualitativa a partir das narrativas das histórias de vida (Silva e Rios, 2018), também a elaboração e o desenvolvimento de um produto educacional, de acordo com as diretrizes do curso de mestrado Prof-Artes (CEART, 2015).

A flauta doce na Musicalização em Senador Canedo/Goiás

Apesar de não desenvolver uma pesquisa de campo na Escola Municipal AFdC, temos como referencial as unidades escolares de educação básica de Senador Canedo – considerando suas realidades socioculturais. O sonho de trabalhar o conhecimento musical nas escolas de Senador Canedo começou em 2016, em fevereiro, quando assumi minhas 44 turmas de sala de aula de 1º a 5º ano do fundamental 1 - em três unidades escolares, Escolas Municipais: Isabel de Matos, Maria José Candido e Clarinda Rodrigues. Um sonho realizado, trabalhar com o que amo: a música. Com crianças então, seria fantástico!

O trabalho de convencer a unidade escolar que o ensino musical em sala de aula é viável foi grande. No início, as reclamações sobre o “barulho” por parte da coordenação foram constantes, e a falta de entendimento dos colegas professores era visível. Inclusive, a fase de convencimento dos demais docentes talvez tenha sido um dos períodos mais difíceis, mas com o passar dos dias e meses, o resultado musical positivo, e também em relação à disciplina dos alunos em sala, meus colegas e a coordenação enxergaram que o barulho havia se transformado em música e que a aula era sim importante para o desenvolvimento dos(as) alunos(as).

O ensino de um instrumento musical na escola apresenta muitas dificuldades, primeiro por se ter apenas uma única aula semanal com cada turma, em segundo lugar inclui o desafio de mostrar ao restante da escola (unidade escolar) que o “barulho” tem um objetivo sólido e que não é tão somente uma bagunça. Em terceiro, envolve o custo do instrumento musical para alunos e suas famílias. Dentro dessas dificuldades, tive e tenho alunos que merecem uma atenção especial, dentre eles, um com 100% de falta de visão, outro com 95% de deficiência auditiva, alunos(as) com transtorno de espectro autista, também com síndrome de Down e um que só possui o membro superior esquerdo. Entre tantos desafios, o que vejo é que cada um deles tem um interesse ímpar em aprender, e que mesmo em suas dificuldades, conseguem seu objetivo, que é o de fazer parte de um todo, de um grupo, de ser músico, de ser feliz dentro desse universo escolar.

Nesse sentido, entre os três elementos iniciais, entrou em destaque o planejamento da aula, que deve ser a mais produtiva possível, e posteriormente a necessidade de trazer a escola para dentro das aulas e fazer com que todos as olhassem como uma oportunidade formativa, e, por fim, a busca pela doação de flautas aos alunos. Assim, comecei com as ditas flautas de “brinquedo” (aquelas industrializadas e mais acessíveis). As aulas iniciais concentraram-se no desafio de ensinar que a flauta é um instrumento “doce” que não aceita ser soprada com força, que o sopro tem de ser suave, quase que como uma carícia, que cada mão e dedos têm uma posição específica. Foi preciso mostrar aos alunos a magia de uma escala musical, que o som muda conforme mudamos os dedos e que essa combinação vira literalmente música. Nesse primeiro momento, era necessário que eles pudessem entender que além de um brinquedo, aquilo ali era e é uma oportunidade de ser diferente e de ser igual aos outros. Diferente no sentido de se tornar parte de um todo e poder “tocar” um instrumento musical, e ser igual a todos, no sentido de ninguém perceber as diferenças existentes entre eles.

Quanto à demanda, no primeiro ano de trabalho conseguimos organizar quatro salas ou 160 alunos em uma cantata natalina com um repertório de nove músicas: um sucesso! A partir do segundo ano esse trabalho foi levado a mais uma unidade escolar, a Escola Municipal AFdC, dessa feita, trabalhando com os 4^{os} e 5^{os} anos, com nove turmas – totalizando 350 alunos. Nessa unidade, além das aulas da grade curricular, conseguimos também, uma vez por semana, reunir todos os alunos em uma área coberta com palco e realizar uma aula coletiva. A participação da coordenação e da direção facilitando e organizando os horários para que pudéssemos ter essa oportunidade foi fundamental. Essa aula foi muito produtiva e a atenção que quase toda a escola dedicou a este trabalho ao poder acompanhá-lo foi maravilhoso. Tal atividade também culminou em um recital de Natal. Este projeto na escola AFdC, além de ter tomado uma proporção imensa na parte social por se tratar de uma comunidade mais carente, e por isso levado a cada aluno(a) um conhecimento cultural a que poucos tinham acesso, fortaleceu também um outro projeto musical da escola: a Banda Marcial. Os alunos que começaram a ter aula de música em sala, conhecendo a parte teórica e a parte prática do instrumento musical, acabaram se interessando também em participar da Banda Marcial da escola, criando assim um ciclo de aprendizado e conhecimento musical em instrumentos diversos, uma vez que ao serem inseridos no projeto da Banda, cada aluno flautista teve a oportunidade de conhecer e de aprender a tocar outro ou outros instrumentos musicais.

Essa experiência mostrou o quanto é importante a oportunidade de proporcionar algo novo aos alunos, como isso mudou os ares da escola, ajudando inclusive na disciplina e na atenção nas

outras atividades curriculares e extracurriculares da unidade. Hoje, o estudo da flauta doce acontece em três unidades escolares do município, musicalizando cerca de 1100 alunos atendidos. Portanto, posso dizer que a satisfação e a valorização que se vê nos olhos desses estudantes é o melhor reconhecimento que este professor pode receber.

Este breve relato buscou mostrar parte pesquisa (auto)biográfica que incluiu a experiência docente no contexto do ensino de música na educação básica, aqui compreendida como estratégia de investigação a partir das narrativas das histórias de vida (Silva e Rios, 2018). Essa investigação, considerando os referenciais teóricos adotados, deu origem ao produto educacional mencionado a seguir.

Elaboração do Produto Educacional em Forma de *e-book*⁶

Como resultado dessa pesquisa, a elaboração da proposta pedagógica teve como foco o professor de educação musical que atua em escola de educação básica com maior foco no ensino fundamental I. Dada a necessidade de apoio de um material que seja específico para a flauta doce, essa sequência didática proposta, é um meio teórico-prático para o ensino desse instrumento dentro de uma abordagem que valoriza o repertório regionalista brasileiro e trabalha, além da partitura musical, elementos da história musical das regiões nacionais (Swanwick, 1979; Brasil, 1998, Fernandes, 2001).

Dessa maneira, buscamos:

[...] introduzir nas diferentes formas de intervenção aquelas atividades que possibilitem uma melhora de nossa atuação nas aulas, como resultado de um conhecimento mais profundo das variáveis que intervêm e do papel que cada uma delas tem no processo de aprendizagem dos meninos e meninas. (ZABALA, 1998, p._4).

A criação do *e-book* então se tornou uma opção viável. Em formato digital e de fácil acesso via smartphones, o *e-book* dispensa o uso de materiais físicos que geralmente são insuficientes nas unidades escolares. O uso da tecnologia digital é algo que leva aos estudantes a sensação de modernidade e cria um interesse pelo projeto. O *e-book* propiciou alterações significativas nas práticas da leitura, de modo que o conteúdo fica disponível na memória do computador, tablet ou celular. O folhear ocorre em um clique, em ícones com o recurso de link ou simplesmente no descer

⁶ A resolução nº 04/2015 do Prof-Artes (CEART, 2015) determina que as pesquisas desenvolvidas podem ter formato de uma proposta pedagógica a qual deverá ser composta de um artigo e de um material didático.

da barra de rolagem. Nos modelos mais novos de leitores de *e-books*, é possível fazer a rolagem ou passagem de páginas com o dedo. Essa é a realidade da leitura virtual, um formato que convida o leitor a interagir e a explorar símbolos e palavras que mudam de cor ou que oferecem a facilidade de manuseio com um simples toque. A figura 1, apresentada a seguir, mostra a capa do *e-book* editado.

Figura 1 – Capa do *e-book*



Elaboração do autor em 2024. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1-bZ30xff_S5V8Ztj06HG40iBxnm8-1AG/view?usp=sharing

Foram incluídos convites para conhecer uma imagem, ouvir um som, aprofundar significados ou conhecer o texto original, ou até mesmo outro texto relacionado, são oportunidades permitidas

por meio do *e-book*. Segundo Primo (1996), a leitura hipertextual ativa vários sentidos simultaneamente, proporcionando maior retenção ao que está em estudo, pois, segundo o autor, com diversos sentidos sofrendo apelos simultâneos, a informação é mais redundante, oferecendo um maior poder de assimilação e fixação. Além de que, amplia-se a curva de atenção já que os apelos sensoriais são multiplicados e comumente inesperados e surpreendentes.

O material visa assim o docente, com informações específicas, sugestões de atividade, recursos pedagógicos, objetivos da aula e estratégias para o desenvolvimento do estudo. O arquivo digital contém ainda proposta de ações pedagógicas com partituras, textos sobre a música a ser trabalhada e o compositor ou cantor em destaque, além de citar outros compositores do mesmo gênero de cada região. O material segue os seguintes tópicos:

- Apresentação
- A origem da flauta doce
- Capítulo I – A Flauta
- Manuseio da flauta – Modo Germânico
- A abordagem ao aluno
- Um pouco de teoria
- Capítulo II – Região Nordeste
- Capítulo III – Região Norte
- Capítulo IV – Região Sudeste
- Capítulo V – Região Sul
- Capítulo VI – Região Centro-Oeste
- Considerações finais

Os capítulos foram assim planejados de modo independente, dispensando a realização das atividades na ordem cronológica. Quanto ao repertório, é uma escolha pensada na necessidade de trabalhar o conhecimento cultural de nossas regiões, levando conhecimento aos nossos(as) alunos(as).

A importância do conhecimento e do respeito à diversidade cultural compõe diretrizes para o ensino de arte no Brasil desde a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais da área de Arte (Brasil, 1998). Acreditamos que questões relativas aos conceitos de multiculturalismo,

diversidade cultural e cidadania cultural (Gruman, 2012), são inerentes ao ensino de arte na escola sob uma perspectiva contextualista (Fernandes, 2001).

A figura 2, apresentada a seguir, apresenta partitura da canção Sinhá Pureza, que é uma celebração da cultura e das tradições do Norte do Brasil, mais especificamente do estado do Pará. Trata-se de um exemplo de repertório organizado que consta do *e-book* editado.

Figura 2 – Página 28 do *e-book* com a partitura da música Sinhá Pureza

28

SINHÁ PUREZA
CARIMBÓ - PINDUCA

1

FIM

Elaboração do autor (2024, p. 28).

Alertamos que o produto educacional elaborado como resultado da pesquisa foi uma primeira experiência, e que a revisão desse material didático necessita de atenção aos seguintes pontos observados: 1) uso de fontes específicas e mais atualizadas, 2) diagramação adequada aos objetivos

educacionais, 3) nas partituras deve-se buscar melhor apresentação das figuras musicais visando facilitar a leitura; 4) maior flexibilidade e melhor definição de critérios na escolha dos repertórios, e 5) melhor apresentação de pontos basilares da técnica instrumental, no caso melhor abordagem sobre o uso da língua na articulação sonora na flauta doce.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, o material pedagógico disponibilizado traz uma opção de ensino da flauta doce em sala de aula, apresentando conteúdos relativos à origem do instrumento, forma de manuseio, abordagem do aluno e sugestão de repertórios que, além do ensino musical, oferece também um pouco da cultura regional brasileira sob uma perspectiva pedagógica contextualista (Fernandez, 2001) e de respeito à diversidade cultural (Swanwick, 1979; Brasil, 1998). O professor que irá utilizar esse material terá alguns direcionamentos de como aplicar uma metodologia de ensino mais direcionada com seus estudantes, utilizando um instrumento musical de baixo custo e de fácil aprendizagem, permitindo assim que o ensino coletivo de instrumentos musicais seja abordado nas escolas, mesmo na sala de aula – como é o caso do ensino fundamental I.

Dessa maneira, buscou-se mostrar que a flauta doce pode ser relevante no processo de ensino-aprendizagem na educação musical escolar. Através da história da origem da flauta no Brasil, viu-se todo o desenvolvimento do instrumento mesmo com função unicamente artística ou também com função comum a outros instrumentos da época, já que não existia a musicalização escolar institucionalizada no período colonial. Foi possível também conhecermos a mudança na concepção do seu uso no Século XX, em que o ensino coletivo de flauta doce em sala de aula é viável e resulta em um aprendizado bem sucedido, como comprovado por nós em nossa experiência pedagógica junto a estudantes do Fundamental I na Escola Municipal Abdon Ferreira de Carvalho, em Senador Canedo – Goiás.

Nesse sentido, como destaca Beineke (2003) conhecer os princípios pedagógicos do instrumento é muito importante. É necessário ao educador, conhecer e saber desenvolver processos educativos que atendam esses princípios. Se a qualidade técnica da expressão artística alcançou um patamar elevado, a função de ser um instrumento para introdução à música ainda exige cuidado e atenção. É fundamental que os professores que desejam implementar o uso da flauta doce nas escolas sejam devidamente preparados.

Assim, esse estudo disponibiliza aos educadores musicais um caminho viável para o ensino coletivo de instrumento musical em sala de aula, descrevendo, para isso, um processo didático na utilização da flauta doce como instrumento musicalizador, aproveitando suas características e possibilidades. Tendo a consciência que o material apresenta limitações contextuais, como o fato de não abarcar maiores repertórios ou técnicas mais avançadas. Também devido à escassez de propostas e métodos acessíveis, voltados para o ensino de flauta doce, espera-se que este produto pedagógico possa ser utilizado pelos educadores musicais – servindo com ponto de partida para ideias pedagógicas para o ensino do instrumento com informações que descrevem e mostram as singularidades culturais e regionais brasileiras.

REFERÊNCIAS

AUGUSTIN, Kristina. **Um olhar sobre a música antiga: 50 anos de história no Brasil**, Rio de Janeiro: Edição da autora, 1999.

BARBOSA, Joel L. S. **Cosiderando a viabilidade de inserir música instrumental no ensino de Primeiro Grau**. Revista da ABEM, Porto Alegre, n. 3, p. 39-49, 1996.

BARROS, Guilherme A. S. de. **Goethe e o Pensamento Estético-Musical de Ernst Mahle: Um Estudo do Conceito de Harmonia**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO, Centro de Letras e Artes. Rio de Janeiro, 2005.

BARROS, Daniele C. **A flauta doce no século XX: o exemplo do Brasil**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2010.

BEINEKE, Viviane. **A educação musical e a aula de instrumento: uma visãocríticasobre o ensino da flauta doce**. Expressão: Revista do Centro de Artes e Letras da UFSM. Santa Maria, Ano 1, nº ½, pp.25-32, 1997.

_____. **O ensino da flauta doce na educação fundamental**. In: HENTSCHKE, Liane; Del-Ben, Luciana. Ensino de música: Propostas para pensar e agir em sala de aula. São Paulo: Moderna, 2003. p.86-100.

BOLÍVAR, Antonio. A expressividade epistêmico-metodológica da pesquisa (auto)biográfica. In: M.H. Abrahão, I.F. Bragança y M. da Silva Araujo (Orgs.). **Pesquisa (Auto)biográfica, fontes e questões**. Curitiba: Editora CRV, 2014, pp. 113-127.

BRASIL. Presidência da República. **Lei n. 4.024, de 20 de dezembro de 1961**. Lei De Diretrizes E Bases Da Educação Nacional. Brasília, 1961. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html> Acesso em jun. 2022.

_____. **Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996.** Brasília, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso em Mai. 2023.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Presidência da República. **Lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971.** Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília, 1971. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html> Acesso em jun 2021.

_____. Presidência da República. **Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008.** Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Brasília, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2007-2010/2008/Lei/L11769.htm Acesso em jun 2022

_____. Presidência da República. **Lei n. 12.287, de 13 de julho de 2010.** Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no tocante ao ensino da arte. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 14 jul. 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ ato2007-2010/2010/lei/l12287.htm Acesso em Jun 2023.

_____. Presidência da República. **Lei n.13. 278, de 2 de maio de 2016.** Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2015-2018/2016/Lei/L13278.htm Acesso em fev. 2024.

CALLEGARI, Paula A. O ensino da flauta doce na escola regular: questões emergentes em publicações da área de música. 17º ENCONTRO DE REFLEXÕES E AÇÕES NO ENSINO DE ARTE ABORDARÁ A PESQUISA NO ENSINO DE ARTE. UFU. **Anais...**, Uberlândia, 2018. Disponível em: <https://eventos.ufu.br/encontroarteensino> Acesso em: 17, Mai. 2023.

_____. **Prática instrumental na licenciatura em música: reflexões e práticas no ensino coletivo da flauta doce.** XIII Encontro Regional Sudeste da Abem - Educação em redes: desafios e diálogos contemporâneos. ABEM, 2022. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/anais_ersd/v5/papers/1245/public/1245-5383-1-PB.pdf Acesso 10, Out. 2023.

CEART. **Resolução Nº 04/2015 – Prof-Artes.** Florianópolis: 2015. Disponível em: http://www1.ceart.udesc.br/arquivos/id_submenu/141/resolucao_04_2015_trabalho_d_e_conclusao_defesa.pdf Acesso em out. 2023.

CUERVO, Luciane da C. **Musicalidade na performance com a flauta doce.** 2009. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/15663/000687332.pdf> Acesso Out. 2023

CUERVO, Luciane da C.; PEDRINI, Juliana. Flauteando e criando: experiências e reflexões sobre a criatividade na aula de música. In: **Música na educação básica.** Associação Brasileira de Educação

Musical. Porto Alegre, v. 2, n. 2, p.48-61, 2010. Disponível em: http://abemeduacaomusical.com.br/revista_musica/ed2/pdfs/meb2_artigo4.pdf Acesso Out. 2023.

FERNANDES, José N. Caracterização da Didática Musical. **Debates - Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Música**, v. 4, 2001. Disponível em: <https://seer.unirio.br/revistadebates/article/view/4143> Acesso em 12 de fev. de 2025.

FONTEERRADA, Marisa T. O. **De tramas e fios – um ensaio sobre música e educação**. São Paulo: Editora da UNESP, 2008.

FRANK, Isolde Mohr. **Pedrinho toca flauta doce – 1º e 2º vol**. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

GRUMAN, Marcelo. Caminhos da cidadania cultural: o ensino de artes no Brasil. **Educar em Revista**, p. 199-211, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-40602012000300014> Acesso em 12 de fev. de 2025.

HOLLER, Marcos T. **Uma história de cantares de Sion na terra dos Brasis: a música na atuação dos jesuítas na america Portuguesa (1549-1759)**. Campinas, 2006. 949 f., 2 v. Tese (Doutorado em Música). Instituto de Artes, Universidade estadual de Campinas, Campinas, 2006. DOI: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2006.367588>

HUNT, Edgar. **The recorder and its music**. London: Ernst Eulenburg, 2002.

KIEFER, Bruno. **História da Música Brasileira: dos primórdios ao início do século XX**. Porto Alegre RS, Editora Movimento, 4ª Ed. 1997.

LIRA, Ilma. **Rumo a um novo papel da flauta doce na educação musical brasileira**. 1984. 105 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade de Nova York, York, 1984.

MAHLE, Maria Aparecida R. P. **Primeiro Caderno de Flauta Block (músicas e exercícios)**. Rio de Janeiro: Irmãos Vitale, 1959.

MARQUES, Mônica. **O Ensino da Flauta Doce nas Aulas de Música na Escola**, UEM: Maringá, 2012. Disponível em: http://www.dmu.uem.br/pesquisa/index.php?conference=forumed&schedConf=forum_edmus01&page=paper&op=viewFile&path%5B%5D=82&path%5B%5D=51 Acesso jun. 2023.

PAOLIELLO, Noara de Oliveira. **“A flauta doce e sua dupla função como instrumento artístico e iniciação musical.”** Monografia (Licenciatura). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UFRJ, Centro de Letras e Artes. Rio de Janeiro (2007)

PEDRINI, Juliana. **Flauteando e criando: reflexões e experiências sobre criatividade na aula de música**. Música na educação básica. Porto Alegre, v. 2, n. 2, 2010. Disponível em: <https://revistameb.abem.mus.br/meb/article/view/122> Acesso jun. 2023.

SILVA, Fabrício O.; RIOS, Jane A. V. P. **Aprendizagem experiencial da docência no PIBID**. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 13, n. 1, p. 202-218, jan./abr. 2018. DOI:

<https://doi.org/10.5212/praxeduc.v.13i1.0012>

SMOLE, Kátia Cristina Stocco. **A matemática na educação infantil: a teoria das inteligências múltiplas na prática escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

SOUZA, Elizeu C. de. **(Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação**. In: NASCIMENTO, A. D.; HETKOWSKI, T. M. (Org.). *Memória e formação de professores*. (online). 31 Salvador: EDUFBA, 2007. 310p. ISBN 978-85-232-0484-6. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-04.pdf> Acesso em jul. 2023.

SWANWICK, Keith. **A basis for music education**. Routledge, 1979.

_____. **Musical knowledge: intuition, analysis and music education**. London and New York: Routledge, 2002.

_____. **Música, mente e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

TOURINHO, Cristina. A formação de professor para o ensino coletivo de instrumentos. XII ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL E COLÓQUIO DO NEM, Florianópolis, SC. **Anais...**, XII Encontro Anual da ABEM, Florianópolis, SC, Outubro 21 a 24, 2003, p. 51-57. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/ABEM_2003.pdf Acesso em jul. 2023.

_____. Ensino coletivo de instrumentos musicais: crenças, mitos, princípios e um pouco de história. XVI ENCONTRO NACIONAL DA ABEM E CONGRESSO NACIONAL DA ABEM E CONGRESSO REGIONAL DA ISME América Latina. **Anais...**, Campo Grande, 2007. (s.p.). Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/anais2007/inicio.html> Acesso em jan. 2023.

WEILAND, Renate L. Considerações sobre o ensino de flauta doce a partir de uma abordagem cognitiva musical. **Anais** do VI Fórum de Pesquisa Científica em Arte, Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Curitiba, v. 2009.

ZABALA, Antoni. Os enfoques didáticos. In: COLL, Cesar et al. (Orgs.), **O construtivismo na sala de aula**, São Paulo: Ática, 1996.

_____. **A prática educativa como ensinar**. Tradução: Ernani F. da F. Rosa. Reimpressão 2010. Porto Alegre: Artmed, 1998.